

# IGREJA DE CRISTO: IGREJA DO POVO OU IGREJA PARA POUCOS?

Luiz Claudio de Almeida Braga\*

## RESUMO

*A Igreja Católica marca o seu início no evento Pentecostes, que injetou uma força, dando ânimo para a sua propagação. O evento fundante realmente existiu, mas como entender seu reflexo hoje? Como entender a vontade de Cristo e viver o seguimento com fidelidade? São muitos os católicos e atualmente formam a grande religião do mundo! No entanto, passados tantos séculos, a história nos revela que, além de outras denominações, os católicos subdividem-se, formando vários grupos. O objetivo deste artigo não é ser mais um a defender um ou outro grupo cristão católico, dando-lhe uma importância maior ou menor, mas, a partir de uma compreensão madura do surgimento do grupo de seguidores de Jesus de Nazaré que encontramos no livro dos Atos dos Apóstolos, fazer uma releitura da*

## ABSTRACT

*The Catholic Church marks its beginning at Pentecost event, which injected a strength, giving strength to its spread. The founding event really existed, but how to understand his reflection today?! How to understand the desire to follow Christ and live faithfully?! Many Catholics, and now form the great religion in the world! However, after so many centuries, history shows us that in addition to other denominations, Catholics are subdivided to form several groups. This paper is not to be another to defend a Catholic or other Christian group giving it a greater or lesser importance. But from a mature understanding of the emergence of the group of followers of Jesus of Nazareth we find in the book of Acts, to reconsider the church today, warning that there is no problem in diversifying groups, but all differences*

---

\* Mestrando em Teologia Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Bacharel em Teologia pela Pontifícia Faculdade Nossa Senhora da Assunção/SP. Bacharel em Filosofia pelo Instituto Santo Tomás de Aquino/MG. Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo, pela Faculdade de Comunicação Hélio Alonso/RJ.

*Igreja hoje, alertando que não há problema algum em diversificar grupos, desde que todas as diferenças formem uma unidade. Há uma multiplicidade de dons, mas o Espírito é o mesmo (1Cor 12,4).*

**Palavra-chaves:** Igreja, unidade, diversidade.

*form a unit "There is a multiplicity of gifts, but the spirit is the same". (1 Corinthians 12:4).*

**Key-works:** Church, unit, diversity.

## INTRODUÇÃO

Pensemos na seguinte pergunta: *Se Jesus retornasse hoje, qual Igreja ele encontraria, ou, qual escolheria para si?* Se cada um de nós se fizesse esta pergunta, é claro que, para um bom cristão católico, a resposta seria imediata: Igreja Católica Apostólica Romana. Esta é a Igreja surgida da tradição apostólica, da doutrina deixada pelo Cristo.

No entanto, deve-se reconhecer que, ao longo do tempo, por conta mesmo de sua dinamicidade, dentro desta mesma Igreja, passaram a existir várias correntes, principalmente na sua contemporaneidade, na qual vivemos o fenômeno das "mini-igrejas", que se dizem fiéis à doutrina deixada por Jesus. São carismáticos, de pastorais sociais, conservadores ao extremo, moderados e reformadores, todos juntos num mesmo "balaio", exigindo uma unidade, mas que seja o mais possível parecido consigo.

Na busca do sentido do ministério de Jesus, com a tarefa da Igreja que nasce com Ele, encontraremos uma passagem em particular:

O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com seu óleo, para levar a Boa-Nova aos pobres, enviou-me para proclamar aos prisioneiros a libertação, e aos cegos a recuperação das vistas, dar liberdade aos oprimidos, e para proclamar um ano de graça do Senhor.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Lc 4,18-19.

Tanto nessa passagem do evangelho como no livro dos Atos dos Apóstolos, Lucas nos apresenta o Espírito Santo de Deus como fomentador da missão de Jesus e, por conseguinte, de sua Igreja.

O objetivo deste artigo é resgatar a gênese da Igreja dos primeiros séculos como um grito de alerta para nossa Igreja de hoje. Diversos são os carismas, mas o Espírito que nos une é o mesmo. Por que escolher uma “corrente” dentro da teologia, sendo que se pode beber de várias fontes e ficar com o que é útil? Independentemente da ideologia: libertadores, carismáticos, tradicionais, reformadores etc., é mister ser fiel ao bom Deus que nunca deixou de ser fiel à sua criação. A Bíblia nos revela um Deus que é próximo e fiel. A proximidade de Deus se expressa no pacto que ele estabelece com o seu povo, compromisso que une estreitamente as duas partes. E será que temos sido fiéis ao nosso Deus? Veremos logo de início que a Antiga e a Nova Aliança nos revelam a fidelidade divina, sempre disposta a perdoar, mas, ao mesmo tempo, exigente com sua aliança: *Eu serei o seu Deus e vós sereis o meu povo.*<sup>2</sup>

## **COMUNIDADE FORMADA À LUZ DO ESPÍRITO SANTO**

A partir dos próprios relatos bíblicos, cinquenta dias após sua ressurreição, o próprio Jesus deu instruções finais aos seus discípulos e ascendeu ao céu, como se pode conferir em At 1,1-11. Os discípulos voltaram, então, a Jerusalém, e se recolheram durante alguns dias para o jejum e a oração, pois precisavam “ruminar” todos os acontecimentos recentes de suas vidas, aguardando o Espírito Santo, o qual o Mestre disse que enviaria. E, como bem conhecemos a história, a promessa se cumpre e o evento Pentecostes marca a vida dos discípulos e o início de uma história que permanece há mais de dois mil anos.

Esta é a definição catequética mais precisa que temos. Após o evento Pentecostes teria surgido com toda a força a Igreja dos seguidores de Jesus de Nazaré. O fato fundante realmente existiu: mas como esta “fundação” se reflete hoje? Como entender a missão de Jesus e continuar o anúncio e a implantação de seu Reino com fidelidade em pleno século XXI?

---

<sup>2</sup> Gn 17,8; Ex 6,7; Lv 26,12; Dt 26,17-19.29,12.

## O EVENTO PENTECOSTES

Para entender a pluralidade da Igreja Católica, é preciso voltar no tempo, mais precisamente aos seus primórdios, e adentrar na cultura judaica e na sua tradição religiosa. Os judeus tinham uma festa celebrada 50 dias após a sua Páscoa (conhecida como a Festa das Semanas ou da Colheita). Nesta festa, recordavam o dia em que Moisés subira ao monte Sinai e recebera as Tábuas da Lei, contendo os ensinamentos dirigidos ao povo de Israel. Celebravam, assim, a Aliança do Antigo Testamento que o povo estabelecera com Deus: Eles se comprometeram a viver segundo seus mandamentos e Deus se comprometera a estar sempre com eles.

Pessoas de todos os cantos vinham para a festa de Pentecostes no Templo de Jerusalém, o que permite entender a razão pela qual Lucas, no relato dos Atos dos Apóstolos, tenha a preocupação de frisar bem essa característica. Deus havia prometido mandar seu Espírito em ocasiões diversas. Durante a Última Ceia Jesus lhes promete o seguinte:

Eu rogarei ao Pai e ele vos dará outro Consolador, para que fique eternamente convosco. O Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; mas vós o conhecereis, porque ficará convosco e estará em vós.<sup>3</sup>

Mais adiante lhes disse:

Disse-vos estas coisas, permanecendo convosco. Mas o Consolador, que é o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, ele vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar tudo o que vos tenho dito.<sup>4</sup>

Na tradição litúrgica cristã, comemora-se Pentecostes no domingo subsequente à festa da Ascensão de Jesus. O significado do termo para os católicos representa a festa celebrada pela Igreja 50 dias após a Ressurreição do Cristo (sua Páscoa). O evento Pentecostes marca, pois, o início do movimento dos seguidores de Jesus de Nazaré. Sozinhos, os apóstolos tinham a responsabilidade de dar continuidade aos ensinamentos do mestre. Imagine o medo que se encontrava em torno daqueles que estiveram durante todo o tempo do lado de Jesus e que, além de seus ensinamentos e de sua caridade para com o mais necessitado, puderam presenciar sua dolorosa

---

<sup>3</sup> Jo 14,16-17.

<sup>4</sup> Jo 14,25-26.

e angustiante morte. Não é de admirar que se encontrassem “fechados” e com medo de aparecerem em público.

## **A COMUNIDADE DE JERUSALÉM**

As confissões de fé que o cristianismo primitivo expressou por diversos modos, em breves fórmulas de fé e de pregação, em hinos e orações, no batismo e na refeição comunitária, na luta contra “falsas doutrinas” e no testemunho dos mártires, dão todos títulos de honra a Jesus de Nazaré: Cristo (Messias), Filho de Davi, Filho de Deus, Filho do Homem e Senhor.

Todos esses títulos querem dizer que Jesus de Nazaré é aquela pessoa concreta, na qual se decide a salvação do mundo e de cada homem em particular. Nesse sentido, a ressurreição e a elevação de Jesus são exaltadas como ação de Deus, o qual reintegrou nos seus direitos de Senhor aquele que se tinha humilhado, fazendo-se obediente até a morte na cruz.

Dessa forma, a adoção da religião cristã demandava moralidade completamente nova, assim como nova teologia. Jesus dissera que a fé deve refletir-se em boas obras e, especialmente para o convertido gentio. Isso significava maior desapego da vida pagã que ele conhecera. Teatros, jogos, festejos e mesmo o serviço público foram proibidos como idólatras. Todas as posses eram partilhadas e pouca importância se dava aos negócios práticos, pois a segunda vinda do Cristo logo daria fim ao mundo material. Louvava-se o celibato voluntário (Mt 19,12; 1Tm 4,12), mas fortes laços de família também se dirigiam para a glória de Deus. A vida desses cristãos voltava-se exclusivamente para o trabalho durante o dia e, à noite, reuniam-se a comentar passagens da vida de Jesus, tentando assimilar as mensagens proferidas pelo Mestre.<sup>5</sup>

É preciso entender a importância e a força que ganhavam os apóstolos e com isso como estava crescendo de forma nova a comunidade daqueles que seguiam a Jesus e seus ensinamentos. Era como um renascer do Mestre (eis a grande ressurreição de Cristo no meio do povo).

Alguns historiadores defendem a ideia da existência de vários grupos que cresceram em torno dos ensinamentos de Jesus (longe da ideia judaica de messianismo); pequenas comunidades, e diferentes formas de viver os ensinamentos de Cristo. Já aqui se constata que a multiplicidade de dons

<sup>5</sup> Sobre essa ideia, cf. Lc 24,35; At 2,42-46; 4,32-35; 5,1-11; 6,1-7.

seria uma marca registrada daqueles que se submetem a viver o anúncio de Jesus.<sup>6</sup>

## **NOS SEUS INÍCIOS: A EXPANSÃO DO CRISTIANISMO**

O maior milagre do cristianismo foi sua própria difusão e posterior triunfo como a religião predominante do mundo ocidental. Ninguém teria profetizado que a nova religião duraria tanto, quando, após a morte de Jesus, ela passou aos cuidados dos doze apóstolos – pequeno grupo de homens pobres e incultos, membros de uma raça oprimida que habitava a remota província do império (renegados inclusive pelos próprios judeus). Contudo, na geração após a morte de Cristo, seus ensinamentos tornaram-se conhecidos em todo o mundo mediterrâneo.

A difusão do cristianismo inicia-se no seio da comunidade judaica de Jerusalém. A seguir, devido à perseguição à Igreja movida por Saulo e à morte do primeiro mártir, Estêvão (At 7,54-60; 8,1-3), o cristianismo conquista os judeus dispersos por todo o Império Romano, ganhando as províncias orientais – o Egito, a Ásia Menor e a Grécia. Convertendo os judeus de Alexandria, Éfeso, Antioquia, Corinto e outros centros, lançam as primeiras bases para se fazerem ouvir pelos pagãos. Até meados do século II, o número dos seus seguidores cresce em Roma, penetrando igualmente na Gália e no Norte da África, onde se destaca a comunidade de Cartago. Apesar de submetido a duras perseguições por parte dos romanos e dos judeus, o cristianismo adquire, no decorrer dos séculos II e III, grande força política que se consolida no governo de Constantino (306-337), primeiro imperador cristão.

O triunfo do cristianismo no Ocidente é posterior ao período apostólico. Na época em que sua expansão nos centros urbanos orientais já é enorme, limita-se a reduzido número de comunidades na Gália e na Espanha, florescendo mais tarde, de modo predominante, nos portos marítimos. Com exceção da Palestina e da Ásia Menor, a implantação de comunidades cristãs

---

<sup>6</sup> Entre esses se destaca: MARGUERAT, Daniel. *A primeira história do Cristianismo – os Atos dos Apóstolos*. Coleção Bíblia 35. São Paulo: Loyola/Paulus, 2003, pp. 86-90. MONASTERIO, Rafael Aguirre e CARMONA, Antônio Rodríguez. *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*. Tradução Alceu Luiz Orso. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2000, pp. 318-322.

ocorre nas regiões vizinhas ao mar. Só penetra no interior através das vias romanas, ao longo dos vales, no período pós-apostólico.

## **A IMPORTÂNCIA DE PAULO: UM “DIVISOR” DE ÁGUAS**

É impossível falar em unidade religiosa, mesmo mediante diversos carismas, sem citar o nome de Paulo de Tarso. Ninguém como ele contribuiu tanto para a difusão do cristianismo em outras terras e causou tanta polêmica em abrir a pregação aos gentios; por isso sua atitude e desprendimento formam um capítulo à parte na história do cristianismo antigo. A estratégia pastoral de Paulo era bem definida. Pregava nas sinagogas, em casas e praças de grandes centros urbanos, que funcionavam como polos irradiadores da mensagem. Ao sair, designava um líder responsável pelo rebanho. Por meio da pregação de Paulo, a doutrina cristã teve de começar a adaptar-se a todos aqueles que se convertiam e, com isso, a criar cisões, brigas e até perseguições ao próprio apóstolo, por conta daqueles que viam nele o perigo da falta de identidade e a não fidelidade aos ensinamentos do Mestre.<sup>7</sup>

## **A CRUZ QUE CARREGAMOS: A DIVISÃO OFICIAL**

A única cruz que a Igreja Católica carrega em sua história, como uma real divisão que não trouxe bons frutos, foi o Cisma Ocidente-Oriente, ou Grande Cisma, que resultou na cisão formal da unidade da igreja cristã em *Igreja Católica Apostólica Romana* e *Igreja Católica Ortodoxa*, que se tornou documentalmente evidente em 1054. Dá-se o nome de *Cisma do Ocidente* ao período compreendido entre 1378 e 1417, durante o qual dois e, mais tarde, três papas reclamavam a sua legitimidade na direção da Igreja.

O distanciamento entre as duas Igrejas cristãs tem formas culturais e políticas muito profundas, cultivadas ao longo de séculos. As tensões entre as duas igrejas datam no mínimo da divisão do Império Romano em oriental e ocidental, e a transferência da capital da cidade de Roma para Constantinopla, no século IV.

---

<sup>7</sup> Sobre o papel do apóstolo e sua vida, cf.: O’CONNOR, Jerome Murphy. *Paulo – Biografia Crítica*. São Paulo: Loyola, 1996, pp. 143-155. Cf. também: BORTOLINI, José. *Introdução a Paulo e suas Cartas*. São Paulo: Paulus, 2001.

## O PROBLEMA OBSERVADO HOJE

Diferentemente de todos os períodos estudados até o presente, a pós-modernidade (ou contemporaneidade) trás em si aspectos bem peculiares. Dentre eles, poder-se-ia citar: o individualismo e a busca imediata por solução (ou imediatismo).

Nunca como hoje as grandes capitais estão tão cheias, e cada vez mais as pessoas se sentem tão sozinhas. Com isso a pluralidade na religiosidade se tornou muito grande e cada vez mais pessoas têm buscado obter respostas às perguntas mais inquietantes do ser humano: de onde vim? Para onde vou? Quem criou tudo?

Na sociedade urbana, ideias pragmáticas e apelos consumistas e competitivos envolvem o indivíduo como um todo. O comportamento religioso passa, também, a manifestar necessidades de satisfação práticas, utilitaristas e intimistas.<sup>8</sup>

Sofrendo o reflexo deste tempo, a Igreja Católica vê o seu discurso não mais atingir seu interlocutor de forma eficaz, pois está além daquilo que as pessoas podem alcançar (está além do senso comum):

Para a mentalidade urbana, nossa pregação sobre Jesus carece de objetividade, por ser demais teórica e generalizada. A fundamental sede humana de Deus, vivida em uma realidade de rápidas e profundas mudanças sociais que causam desarranjos nos valores e projetos humanos, necessita de respostas religiosas objetivas, capazes de revitalizar elementos cristãos adormecidos, tais como Deus, pecado, salvação, Jesus, perdão.<sup>9</sup>

Daí a necessidade de a Igreja se adequar na modernidade ao novo fiel que dela faz parte. Só que, atualmente, na busca de sanar esta lacuna, a comunidade eclesial diversificou-se, e o que era para unir acabou por provocar um fenômeno dentro da própria religião: a divisão de correntes ideológicas.

---

<sup>8</sup> CNBB. Projeto de Ação Missionária Permanente (PAMP). Regional Sul 1, 2004, n. 38, p. 20.

<sup>9</sup> CNBB. Projeto de Ação Missionária Permanente (PAMP). Regional Sul 1, 2004, n. 37, p. 19.

## **AS IDEOLOGIAS QUE DIVIDEM E O ESPÍRITO DA UNIDADE**

A ideologia é um sistema de ideias sustentadas por um grupo social, as quais refletem, racionalizam e defendem os próprios interesses e compromissos institucionais, sejam estes morais, religiosos, políticos ou econômicos. No caso da instituição católica, é muito comum, principalmente quando se trata de liturgia, perceber quanto desconforto se causa quando uma ideologia é inculcada na sua realização. A começar pelo sacerdote, passando pelo coordenador de pastoral litúrgica, e chegando ao grupo de canto, a missa cotidiana ou dominical pode levar o fiel a um encontro com o Cristo ou a um desencontro de suas ideias e intenções. Neste aspecto, o melhor exemplo é a liturgia, como bem nos lembra Geraldo Magela, sendo ela expressão da unidade, do encontro dos irmãos, da vivência da fé, na qual “é exercido o culto público integral pelo Corpo Místico de Cristo, Cabeça e membros”,<sup>10</sup> e na qual, também, acontecem os principais conflitos ideológicos.

Tomando como exemplo os primeiros séculos da história do cristianismo, notar-se-á que o culto cristão dos primeiros tempos caracterizava-se pela simplicidade do ritual, celebrado, com grande alegria e piedade, decorrentes da esperança na volta iminente do Senhor. Os recém-convertidos cediam suas casas para que os cristãos pudessem reunir-se diariamente a fim de orar, conhecer a doutrina evangélica e participar da “fração do pão”, expressão pela qual é designado o sacramento da Eucaristia nos Atos dos Apóstolos.

A partir deste resgate fica fácil de entender as razões pelas quais tem crescido o número de fiéis que reclamam constantemente de algumas liturgias: porque são “demoradas demais”, por conta de muitas inserções, entronizações, dramatizações; ou porque “o padre orou de forma que eu não me senti parte daquele rito”; pode ser também que o fiel preste muito mais atenção na postura rígida e na beleza litúrgica que se apresenta e simplesmente não reze, pois não deu tempo... “Foi tudo tão bonito!”.

O problema da ideologia não é ela em si, mas, quando eu faço de minha ideologia “a” ideologia. Quando isso acontece, eu não sou capaz de

---

<sup>10</sup> AGNELO, Geraldo Magela. Celebrar a vida do povo: a Teologia como serviço à liturgia – A participação do Povo de Deus na ação litúrgica. *Revista de Cultura Teológica* n. 28, v. 7, jul/set, 1999, p. 43.

derrubar paradigmas que impedem a religião de se atualizar e a instituição de crescer. É um problema gerando outro maior e de consequências até piores.

A igreja deve funcionar em cada localidade como um só corpo: algo dinâmico, não estático; flexível, não rígido; adaptável, dócil. A figura do corpo é muito eloquente e funcional, dado que em um corpo todos os seus membros estão sujeitos uns aos outros, formando uma unidade orgânica. O apóstolo Paulo declara:

Seguindo a verdade em amor, cresceremos em tudo em direção àquele que é Cabeça, Cristo, cujo corpo inteiro é bem ajustado e ligado pelo auxílio de todas as juntas.<sup>11</sup>

Ao pensarmos na Igreja, não a limitemos a edifícios, mensagens, reuniões ou ideologias. Abramos nossa mente à multiforme sabedoria de Deus para entender o funcionamento da Igreja, aquela que representa a totalidade dos crentes que vivem em uma mesma localidade, formando a *única* Igreja daquele lugar. Quando pensamos na Igreja como corpo, fica mais claro que há coisas que são circunstanciais. Pode ser celebrada na localidade uma reunião, ou dez reuniões, ou cinquenta reuniões em lugares diferentes. Pode haver um edifício, ou muitos edifícios, ou nenhum. Todas essas coisas são circunstanciais. O ser uma só Igreja na cidade não depende dessas coisas. Porém, é fundamental que a Igreja em cada cidade chegue a “ser um só corpo”<sup>12</sup> de um modo real, funcional e visível, vivendo aquelas mesmas práticas, tendo aqueles mesmos sentimentos que tiveram os seguidores do Nazareno, mas de forma atualizada. Então, se compreendeu até aqui que a unidade da Igreja não é estarmos todos debaixo de um mesmo teto, nem sermos uma só instituição legal, nem tampouco sermos a reunião de fiéis. É justamente nossa formação, a história pessoal, o contexto de Igreja que pode condicionar o fiel a pensar que essa conduta coletiva é a mais importante expressão da unidade da Igreja.

## **IGREJA DE CRISTO: IGREJA DO POVO, MORADA DO ESPÍRITO SANTO**

---

<sup>11</sup> Ef 4,15-16.

<sup>12</sup> Cf. Compêndio do Concílio Vaticano II, *Decreto Apostolicam Actuositatem*, n. 18, Petrópolis: Vozes, 2000, p.549.

Por conta das divisões da igreja, têm-se empobrecido os carismas. Os ricos recursos ministeriais do corpo de Cristo estão dispersos. A maioria dos agentes de pastoral e líderes de comunidade tem um ministério uni-pastoral (singular: “eu sou mariano”, “eu sou de pastoral social”, “eu sou carismático” etc.). De fato, um só ser humano não reúne em si mesmo todos os dons e ministérios existentes na Igreja, mas esse mesmo agente deve se aplicar no aprendizado dos ensinamentos de Jesus de Nazaré dentro dos movimentos e pastorais sem que, com isso, comprometa o seu engajamento neste ou naquele grupo. Cada grupo possui algo de interessante que pode ser aproveitado, experimentado ou corrigido. Porém, mais uma vez, que ele tenha a preocupação de ser fiel ao Evangelho, principalmente na Liturgia, na Palavra e na Eucaristia, zelando para que a forma com que seu grupo vive o seguimento do Cristo de Deus não crie ruídos na informação e nichos paroquiais e/ou comunitários.

A ação unificadora é exercida pelo Espírito Santo desde o nosso batismo.<sup>13</sup> A unidade a ser seguida (para não dizer perseguida) é dinâmica e se realiza na diversidade dos carismas e responsabilidades, agindo na construção orgânica da Igreja, cuja meta é o encontro com o Cristo ressuscitado e glorioso.

A diversidade dos carismas é absolutamente necessária — o objetivo deste artigo não foi provar o contrário. A necessidade é comum, justamente: a edificação do povo de Deus. Mas essa diversidade não é algo a ser suportado de má vontade e, menos ainda, algo a ser eliminado; precisa ser aceita e favorecida como expressão de riqueza do Espírito Santo.

No entanto, essa mesma diversidade não pode, em hipótese alguma, sobrepor-se àquele que é a razão, objetivo e motivo de nossa existência enquanto Igreja: Jesus de Nazaré. A instituição um dia pode passar, porém a mensagem do Evangelho é eterna, porque o Verbo Encarnado também o é: princípio e fim; Alfa e Ômega. O perigo está justamente na capacidade de o ser humano colocar a sua vontade à frente de sua missão e, daí, encontrar-se em situação de divisão, ainda que velada. Se assim acontecer, o corpo fica atrofiado em seu crescimento por conta da autonomia de seus membros.

---

<sup>13</sup> MARGUERAT, Daniel. Op. cit., pp. 126-127.

## CONCLUSÃO

A articulação diversificada da Igreja é obra da iniciativa criadora de Deus. A unidade da ação da comunidade cristã é estabelecida pela comunhão com o Senhor e se cria pela participação no culto, pela oração conjunta e pela experiência da comunhão fraterna.

É o Espírito, enquanto sujeito do vínculo de unidade entre ministérios e dons. É este mesmo Espírito que sinaliza a necessidade de mudança na forma de anúncio e é Nele que devemos colocar nossas esperanças de mudança. Todos os carismas devem ter um só e mesmo fim: a edificação da Igreja, corpo de Cristo. Se nos preocuparmos basicamente em viver o nosso mandamento missionário — o que neste século já é um desafio —, abertos ao sopro da *Ruah*, seremos vitoriosos, juntos. O desafio está em adequar o meu carisma, o meu dom, ao Evangelho de Cristo. Uma vez observado este preceito, teremos uma verdadeira unidade dentro da Igreja, e ninguém mais precisará de “partido” para evangelizar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGNELO, D. G. M. Celebrar a vida do povo: a Teologia como serviço à liturgia – A participação do Povo de Deus na ação litúrgica. *Revista de Cultura Teológica*, n. 28, v. 7, jul./set. 1999.
- BORTOLINI, J. *Introdução a Paulo e suas Cartas*. São Paulo: Paulus, 2001.
- CELAM. *Documento de Aparecida*. São Paulo: Paulus, 2007.
- CNBB. *Projeto de Ação Missionária Permanente (PAMP)*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- COMPÊNDIO DO CONCÍLIO VATICANO II. *Constituições Decretos e Declarações*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- ARGUERAT, D. *A primeira história do Cristianismo – os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Loyola/Paulus, 2003.
- MONASTERIO, R. A. e CARMONA, A. R. *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Ave-Maria, 2000.
- O'CONNOR, J. M. *Paulo – Biografia Crítica*. São Paulo: Loyola, 1996.
- PIERRARD, P. *História da Igreja*. São Paulo: Paulus, 2002.
- VERMES, G. *A religião de Jesus, o judeu*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.